

Esta comunicação está sendo submetida ao
[X] GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

DIVERSIDADE CULTURAL EM MUSEUS E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NA AMAZÔNIA¹⁻²

Comunicação oral

Arlete Sandra Mariano Alves Baubier – IBICT/UFRJ; FAPEAM
Maria Amélia Gomes de Souza Reis – UNIRIO/MAST
arle_andra@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo aborda a diversidade cultural no âmbito dos Museus de Arqueologia e Etnologia na Amazônia, em função de seus acervos serem constituídos por objetos que representam a cultura da região e pela relevância desse patrimônio junto à comunidade local. O objetivo dessa abordagem é refletir sobre as informações basilares existentes nos documentos do Icom, Unesco, Ibram, Iphan, entre outros, que indicam o processo evolutivo das políticas culturais de preservação e valorização da diversidade cultural como patrimônio comum da humanidade. Nesse particular, analisamos os objetos produzidos pelos povos indígenas da região, considerando que estes objetos configuram-se em documentos e fontes de informação para uma educação intercultural dos visitantes do museu. Sob o mirante das concepções contemporâneas do campo da Museologia e do Patrimônio, bem como suas relações interdisciplinares subjacentes com a Educação e a Ciência da Informação, buscamos fundamentação teórica em fontes nacionais e internacionais especializadas nesse campo do conhecimento científico. A metodologia caracteriza-se pela pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza essencialmente descritiva, exploratória, bibliográfica, documental e estudo de caso. A partir das informações pontuadas, podemos inferir que as políticas culturais absorvem, gradativamente, as tendências, os desafios contemporâneos e caminham para o limiar de valorização da diversidade cultural.

Palavras-chave: Museu. Museologia. Diversidade Cultural. Patrimônio. Políticas Culturais. Educação Intercultural. Amazônia.

¹ Este artigo foi extraído da dissertação de Arlete Sandra Mariano Alves Baubier, intitulada “O Museu e a Diversidade Cultural na Amazônia: estudo do brinquedo indígena como objeto educativo em Museus de Manaus”, ano 2011, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Amélia Gomes de Souza Reis e submetida ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST).

² Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo apoio e financiamento da pesquisa (projeto aprovado, por meio da Decisão n. 016/2009 do Conselho Diretor, conforme Edital n. 014/2008–RH–POSGRAD–MESTRADO).

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o museu tem participado ativamente de iniciativas culturais que contemplam propostas emergentes e inclusivas, entre as quais, destacamos o movimento de valorização das diferentes expressões culturais existentes na sociedade. Nessa perspectiva, o museu vem canalizando suas ações para o desenvolvimento de políticas culturais e processos educativos que buscam intensificar a salvaguarda e a preservação da diversidade cultural.

Por definição, a diversidade cultural constitui “patrimônio comum da humanidade, a ser valorizado e cultivado em benefício de todos” (UNESCO, 2005), sendo considerada uma das principais características socioculturais inerentes ao contexto globalizado, sobretudo na sociedade brasileira, marcada por pluralidades e diversidades de culturas, face às origens da formação do povo brasileiro. Sob esse aspecto, Ianni (1994, p. 157) enfatiza que a “diversidade está sempre presente nas configurações e movimentos da sociedade global. Seria impossível a globalização sem a multiplicidade dos indivíduos, grupos, classes, tribos, nações, nacionalidades, culturas etc.”.

A literatura especializada sobre o estudo do Museu e da Museologia revela que a temática da diversidade cultural era bem recorrente por parte de alguns teóricos, especialmente os membros do International Committee for Museology (Icofom)³ = Comitê Internacional de Museologia, do International Council of Museums (Icom)⁴ = Conselho Internacional de Museus, que já manifestavam interesse em tratar o assunto como uma das preocupações essenciais no centro de discussões sobre a função social do museu.

Essa base conceitual foi determinante para analisarmos a diversidade cultural no âmbito dos Museus de Arqueologia e Etnologia na Amazônia, em função de seus acervos serem constituídos por objetos que representam a cultura da região e pela relevância desse patrimônio junto à comunidade local. Além disso, esses objetos configuram-se em documentos e fontes de informação para uma educação intercultural dos visitantes do museu, considerando que uma das principais ações planejadas pela gestão do museu, consiste no

³ O Comitê Internacional de Museologia (Icofom) é o principal fórum internacional criado para o debate no campo dos museus, cujo enfoque teórico refere-se a qualquer atividade humana, individual ou coletiva relacionada à preservação, interpretação e comunicação do patrimônio cultural e natural, no contexto social em que ocorre a relação específica entre o homem e o objeto (ICOM. **Comitês internacionais:** Icofom: Museologia. Disponível em: <<http://icom.museum/who-we-are/the-committees/international-committees/international-committee/international-committee-for-museology.html>>. Acesso em: 12 abr. 2010).

⁴ O Conselho Internacional de Museus (Icom) foi criado em 1946. É uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos, filiada à Unesco, representativa dos museus e de profissionais de museus, a quem está confiada a conservação, a preservação e a difusão do patrimônio mundial - cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial - para a sociedade. (ICOM. **Icom** [informações gerais]. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/index.cfm?canal=icom>>. Acesso em: 12 abr. 2010).

desenvolvimento do trabalho social e educativo, como bem afirma Scheiner (2001, p. 5): “Tudo é objetificado, no afã de reafirmar o caráter social/plural do Museu”.

O objetivo dessa abordagem é refletir sobre as informações basilares existentes nos documentos do Icom, da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) = Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), entre outros, que indicam o processo evolutivo das políticas culturais de preservação e valorização da diversidade cultural como patrimônio comum da humanidade; “Reconhecendo a necessidade de adotar medidas para proteger a diversidade das expressões culturais incluindo seus conteúdos, especialmente nas situações em que expressões culturais possam estar ameaçadas de extinção ou de grave deterioração” (UNESCO, 2005). Assim, nos apoiamos nas construções teóricas do campo da Museologia e do Patrimônio, nas interfaces com a Educação e a Ciência da Informação, pois em nossa pesquisa essas áreas se complementam mutuamente.

Inicialmente, trazemos à baila os excertos históricos e conceituais que permeiam a temática, envolvendo o entendimento dos termos cultura, identidade, memória e patrimônio. Destacamos algumas políticas culturais de proteção e promoção da diversidade cultural como patrimônio comum da humanidade, princípio assegurado por organizações internacionais que legitimam a respeito, integrando esse patrimônio com a natureza, os espaços construídos e a sociedade como um todo.

Finalmente, apresentamos dois fatos inéditos na região amazônica, abrangendo à preservação e a valorização da diversidade cultural: primeiro, o relato de experiência do Museu *Magüta*, em Benjamin Constant (AM), como sendo o primeiro museu de origens no Brasil organizado e administrado pelos Ticuna e, em 1995 recebeu a premiação pelo Icom de “Museu Símbolo”; segundo, o caso bem sucedido de repatriação do patrimônio pelos povos indígenas do Rio Uaupés, que habitam o município de São Gabriel da Cachoeira (AM), concedido pelo Museu do Índio, em Manaus (AM) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

2 MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL: EXCERTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Nos últimos anos, o envolvimento da Museologia com o movimento de inclusão social, especialmente em defesa da diversidade cultural, vem se confirmando como premissa

básica do pensamento museológico contemporâneo, constituindo-se num dos principais objetivos nos encontros do Conselho Internacional de Museus (Icom).

Optamos em citar três bons exemplos de encontros que indicam estas tendências: o primeiro é o Simpósio Internacional do Icofom, denominado *Museology and Globalization = Muséologie et Mondialisation = Museologia e Globalização* que marcou a 19ª. Assembleia Geral do Icom, realizada em Melbourne, na Austrália, em junho de 1998 (INTERNACIONAL SYMPOSIUM..., 1998, n. 29, p. ii; n. 30, p. ii); o segundo, no âmbito latino-americano, é o VII Encontro Anual da Organização Regional do Comitê de Museologia para a América Latina e o Caribe (Icofom LAM) / I Colóquio Internacional de Museologia de México, organizado pelo Icofom LAM, o Icom México e o Museu Dolores Olmedo Patiño, cujo tema é *Museos, Museología y Diversidad Cultural em America Latina y el Caribe = Museus, Museologia e Diversidade Cultural na América Latina e no Caribe*, realizado na cidade do México, em junho de 1998 (ENCUENTRO..., 1998, p. 8); o terceiro e último, é o Simpósio Internacional do Icofom, intitulado *Museology – an Instrument for Unity and Diversity? = Museologia – um Instrumento para Unidade e Diversidade?*, realizado na Sibéria, em Krasnoyarsk, na Rússia (INTERNACIONAL SYMPOSIUM..., 2003, n. 34, p. 6).

Corroborando com esses preceitos, é oportuna a reflexão sobre as políticas culturais de preservação e valorização do patrimônio dos povos de origem na Amazônia e, mais especificamente sobre a diversidade cultural. No entanto, é necessário, antes de tudo, discorrermos sobre alguns conceitos implícitos nessa temática, dentre os quais, elencamos: cultura, identidade, memória e patrimônio.

Etimologicamente, a palavra cultura tem origem no latim e significa ato, efeito ou modo de cultivar; habitar, adorar e proteger. A raiz da palavra *colere*, também tem o significado de cultivar (os deuses), no “sentido desvanecente de divindade e transcendência” (EAGLETON, 2005, p. 10). Em suas reflexões sobre o fenômeno cultural, denominado “hibridação” das culturas latino-americanas, García Canclini (2008, p. 162) compara o mundo a um “palco”, em que são prescritas as representações, as práticas e os objetos valiosos que se “encontram catalogados em um repertório fixo”.

Por outro lado, o antropólogo estadunidense Clifford Geertz revela que a cultura pode ser compreendida “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado [...]” (GEERTZ, 1978, p. 15). Dessa forma, a cultura é revolucionária no sentido de que está sempre avançando, se renovando e descobrindo novos rumos. Como não há uma só direção a percorrer, diante da difusão teórica

e do “ecletismo” do conceito de cultura, escolhas conceituais são necessárias para que se tenha “um argumento definido” (GEERTZ, 1978, p. 15).

Em vista do exposto, sabemos que muitas são as definições, porém, para efeitos do tema “diversidade cultural”, toma-se por base àquela defendida pela Unesco, ao preconizar que:

a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 2002).

A partir dessas considerações, encontramos na cultura amazônica um campo fértil para as nossas reflexões. Isso porque o estado do Amazonas é “palco de culturas híbridas” (GARCÍA CANCLINI, 2008), que abrange uma diversidade impressionante, manifestada tanto pela exuberante biodiversidade da Floresta Amazônica, por meio da sua rica fauna e flora, quanto pela abundância do solo, rico em minérios. Além disso, de modo especial, ressaltamos o “ecletismo” (GEERTZ, 1978, p. 15) das culturas indígenas, sem deixar de mencionar o patrimônio arquitetônico, histórico e artístico da região. No Amazonas, anualmente, acontecem eventos científicos, artísticos e culturais⁵ que movimentam não apenas a economia, a indústria, o comércio, a tecnologia, mas também a cultura e o ecoturismo do estado.

Nesse contexto, analisamos como os museus podem estar atentos a estas representações culturais, atuando como agente de educação e transformação da sociedade perante a diversidade cultural. Isso porque, segundo Reis (2009), “para ‘educar’ está suposto o conhecimento do(s) outro(s), em suas diferenças e singularidades, multiplicidade e pluralidade culturais e étnicas”. Dessa forma, o museu contribuirá como uma “poderosa” ferramenta pedagógica de conscientização da preservação e valorização do patrimônio, além do reconhecimento das identidades sociais e culturais, como bem explica Bellaigue:

A implementação de um museu está - ou deveria estar - ligada à consciência de um espaço físico, social, cultural, [...] O museu deve tornar-se apreensível, legível, compreensível como território em sua especificidade,

⁵ Entre as principais manifestações artísticas e culturais do estado do Amazonas, destacamos algumas que são tradicionais: o Carnaval, o Carnaboi, o Boi-Manaus, o Festival Amazonas de Ópera, o Amazonas Film Festival, o Festival de Teatro da Amazônia, o Festival Amazonas de Dança, o Festival Amazonas Jazz, o Festival Folclórico, todos em Manaus; o Festival Folclórico do Boi-bumbá, em Parintins; a Festa do Guaraná, em Maués; a Festa do Açá, em Codajás; a Festa do Cupuaçu, em Presidente Figueiredo; a Festa da Laranja, em Rio Preto da Eva; o Festival da Canção (FECANI), em Itacoatiara; o Festival do Peixe Ornamental, em Barcelos; a Festa da Ciranda, em Manacapuru; o Festejo Religioso de Santo Antônio, em Borba, entre outros. Além disso, ocorrem, durante o ano, congressos, seminários, simpósios, conferências, jornadas, encontros e outros eventos que objetivam discutir sobre pesquisas científicas, investimentos, políticas econômicas e culturais relacionadas aos mais variados assuntos da Amazônia: Meio Ambiente, Biodiversidade, Desenvolvimento Sustentável, Indústria, Ciência, Tecnologia e Inovação (C,T&I), Educação, Cultura e correlatos de interesse da região.

mas também em sua globalidade - quer dizer, em suas relações sistêmicas com o espaço evolutivo que o rodeia [...] (BELLAIGUE, 2009, p. 87).

Ocorre que, na contemporaneidade, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2006, p. 7). Assim, a compreensão da diversidade cultural vincula-se essencialmente à percepção da identidade do indivíduo, do grupo, da nação e do próprio museu (SCHEINER, 1998, p. 164). Além disso, “pode haver identidade na diversidade” em que pessoas culturalmente diferentes podem se identificar com “os mesmos símbolos, ideais, centros de poder” (VIEIRA; MAGALHÃES, 2009, p. 7).

O que é importante para o nosso argumento sobre identidade é entender o Museu como símbolo das referências identitárias da humanidade. Tais referências são representadas por meio dos objetos e de suas narrativas, visto que: “Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (BOSI, 1994, p. 441), pois a identidade pode ser compreendida como:

Uma construção em constante mudança; uma identidade dinâmica que caracteriza cada grupo social, que inclui seus sistemas de valores, crenças, mitos e tradições, suas múltiplas formas de expressão, sua maneira de estar presente no mundo (DECAROLIS, 2003, p. 26-29).

Convém observar, que os museus não devem existir somente em função dos objetos que contêm, mas em virtude dos conceitos, ideias ou conjunto de informações que esses objetos ajudam a transmitir, considerando a exposição: “**a principal instância de mediação dos museus**, atividade que caracteriza e legitima a sua existência tangível” (SCHEINER, 2001, p. 1, grifo nosso). Isso significa que os museus também são locais informativos, meios de interação e comunicação direta com a comunidade, divulgando informações e novos conhecimentos sobre o acervo aos visitantes, a partir da exposição, pois conforme afirma Le Coadic (1996, p. 5) “um conhecimento (um saber) é o resultado do ato de conhecer, ato pelo qual o espírito apreende um objeto. Conhecer é ser capaz de formar a idéia de alguma coisa [...]”.

Ao refletir sobre os horizontes da informação em museus, Pinheiro, L. (2008, p. 81) ressalta que precisamos ter como “ponto de partida e alicerce a noção de sistema”, isto é, no “entendimento do museu como um sistema de informação”. Assim, nessa perspectiva do museu como “sistema de informação”, podemos interpretar os objetos como documentos e fontes de informação, que funcionam como catalisadores de informações, repletos de mensagens a serem transmitidas por meio das linguagens expositivas.

Essa mensagem elaborada e transmitida visualmente pelo Museu, materializada através da exibição das coleções do acervo, bem como por meio de outros veículos de informação cultural (edições variadas e conferência, por exemplo), trata o objeto cultural como suporte de informação que conduz à construção de representações, ativando-o pelas relações estabelecidas com os quadros da memória (LIMA, 2000, p. 21).

Nesse sentido, podemos compreender que a memória é seletiva por excelência, pois guardamos tudo aquilo que, por um motivo ou por outro, tem ou teve algum significado em nossas vidas. Bosi (1994, p. 66) advoga que “sempre fica o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado” e “as pessoas lembram-se para sempre de momentos agradáveis nos museus, em interação com os objetos” (SCHEINER, 2006, p. 37).

A relação memória e esquecimento faz parte do museu, e estes conceitos estão diretamente relacionados, uma vez que o “antídoto para o esquecimento é a memória” (PINHEIRO, M., 2004, p. 92) porque normalmente ao selecionarmos os objetos que desejamos preservar somos motivados pelo risco iminente de termos aqueles objetos de alguma forma esquecidos, por isso nos preocupamos em selecionar os objetos que queremos lembrar e rememorar.

Podemos vincular essas acepções à ideia de patrimônio, pois a compreensão da sua ampla definição perpassa pelos conceitos de cultura, identidade e memória de uma sociedade no determinado tempo e espaço. Scheiner (2004, p. 270) explica que o patrimônio cultural é “o conjunto de processos integrados de invenção, difusão, aculturação e devolução de experiências”. Assim, ao abordamos o conceito de patrimônio em seus diferentes aspectos, tomamos por base a Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural celebrada na Conferência Geral da Unesco, realizada em Paris, em 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Scheiner (2004, p. 191) relata que:

O documento define como ‘*patrimônio cultural*’ os monumentos artísticos e arquitetônicos, os sítios, estruturas ou elementos de natureza arqueológica e espeleológica; os grupos de edifícios (tomados isoladamente ou em conjunto) de excepcional valor, do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; e os sítios de excepcional valor histórico, estético, etnográfico ou antropológico [...] (UNESCO, 1972).

Desta forma, o patrimônio cultural pode ser mais bem percebido como a soma dos bens culturais materiais, naturais e imateriais, que possuem significado, representação histórica e importância cultural para a sociedade. Convém observar que a noção de patrimônio está diretamente relacionada com:

A (re)interpretação que se faz do produto cultural ao qualificá-lo na categoria de Bem Cultural é uma atribuição de valor, um juízo elaborado pelo campo cultural que o consigna como elemento possuidor de caráter diferencial. E ao distingui-lo deste modo, torna-o ‘especial’ e em posição de destaque perante os demais objetos da mesma natureza, emprestando-lhe sentido de ‘excepcionalidade’ (LIMA, 2008, p. 36).

Portanto, ao trazermos para o *lócus* de discussão o “Museu e a Diversidade Cultural”, analisamos o patrimônio dos povos de origem na Amazônia, em Museus de Arqueologia e Etnologia da Amazônia, visando “valorizar suas culturas e modos de vida, ampliando uma consciência nacional, respeito aos seus direitos e suas contribuições para as construções da memória e identidade cultural brasileira” (CURY, 2003, p. 21). Dessa maneira, acreditamos que não podemos ficar alheios a essas discussões e sentimo-nos com o dever social de oferecermos a nossa parcela de contribuição em busca de um fazer museológico inovador em regiões ainda desprovidas de políticas públicas e culturais mais atuantes; nesse caso a Amazônia.

3 MUSEU, DIMENSÃO EDUCATIVA E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL

Na perspectiva da responsabilidade social do museu, retomamos a função educativa e sua contribuição para o processo de educação intercultural do público visitante. O museu apresenta-se como um espaço de fundamental importância na representação de culturas, reconstrução de identidades, “lugares de memória” (NORA, 1993) e a preservação do patrimônio. Assim, também procura adaptar-se ao ambiente de incertezas e de constantes transformações, ampliando suas responsabilidades e a natureza das suas funções em favor da construção da cidadania.

Dentre as relevantes transformações características do mundo contemporâneo, em que o museu é partícipe, refere-se à preservação e a valorização da diversidade cultural. A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, da Unesco, em seu Artigo 1, revela que “a diversidade cultural é patrimônio comum da humanidade” e pode ser manifestada:

[...] na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras (UNESCO, 2002).

Em 2005, durante a Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, os Estados-membros da Unesco novamente reafirmaram o compromisso em relação à diversidade. No Artigo 4, da referida Convenção ficou definido que a **Diversidade Cultural**:

Refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados (UNESCO, 2005).

No bojo destas reflexões e à luz da realidade brasileira inserem-se os museus amazônicos, haja vista que são culturalmente heterogêneos. No Artigo 2, do Estatuto de Museus, instituído pela Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009, está indicado como um dos princípios fundamentais “a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural” (BRASIL, 2009).

A Política Nacional dos Museus (PNM) contempla num dos seus princípios o “respeito ao patrimônio cultural das comunidades indígenas e afrodescendentes, de acordo com as suas especificidades e diversidades” (NASCIMENTO JÚNIOR; CHAGAS, 2008, p. 45). Dessa forma, ficam evidentes as atribuições de significados, funções e valores a estes patrimônios suscetíveis de aquisição e de transmissão de conhecimentos a futuras gerações. Sob esse enfoque, os museus são lugares de referências identitárias da “História e de nossa trajetória no território que ocupamos, ou seja, estas coleções possuem, em seu território, elementos constitutivos de quem somos. Ao preservamos o patrimônio cultural, estamos simultaneamente preservando nossa identidade e brasilidade” (RANGEL, 2008, p. 326).

Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, da Unesco, está contemplado no Artigo 7, o princípio da preservação da diversidade cultural como “patrimônio cultural e fonte de criatividade”, visando estabelecer “um verdadeiro diálogo entre as culturas” (UNESCO, 2002). Nesse sentido, educar para a diversidade exige formação em dimensões objetivas e subjetivas, não à parte como querem alguns, mas intrínseca à atividade pedagógica, possibilitando diálogos interculturais. Tal formação implica numa revisão de valores e atitudes que possibilitem o desenvolvimento de uma verdadeira “educação para sensibilidade” (PINHEIRO, L., 2005, p. 54), visando um movimento em defesa da inclusão social no âmbito dos museus.

Ainda no Artigo 4, da Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, a Unesco afirma que a **Interculturalidade** é uma palavra que se refere “à existência e interação equitativa de diversas culturas, assim como à possibilidade de geração de expressões culturais compartilhadas por meio do diálogo e respeito mútuo” (UNESCO, 2005). Esta aproximação simbólica entre as culturas e as trocas entre elas favorecem uma perspectiva de educação intercultural⁶, uma vez que, segundo Appadurai (2007, p. 19), o museu e a exposição “formam uma parte cada vez mais importante desse processo educativo não formal”.

Por outro lado, como ressalta Reis (2012, p. 6), torna-se importante superar “a educação bancária ainda presente nas práticas educativas museológicas e investir em outras formas de educar nos museus que considerem os sujeitos, suas formas de subjetivação e seus patrimônios, pessoal e cultural, visando o atendimento de todos em igualdade de condições”. Nesse ponto de vista, pensar a importância de descolarizar as ações de um museu que se quer educativo partindo da ideia de superar todas as formas congeladas de um colonialismo que teima em se fazer presente ainda no século XXI, fazendo persistir o diálogo simplista entre as experiências pedagógicas nos museus e nas escolas (REIS, 2012, p. 8).

Essa dimensão educativa não significa escolarizar o museu e nem compreendê-lo como extensão da escola, mas sim, no sentido de promover o desenvolvimento de práticas educativas adaptadas ao contexto social, histórico, econômico e cultural da realidade que o cerca, buscando uma melhor integração com a comunidade e contribuindo para a formação científica e cultural permanente dos visitantes, visando à construção da cidadania.

As ações culturais do museu se adaptam às demandas identificadas externamente, buscando uma conexão com as funções prioritárias do museu: de ser este espaço de comunicação numa dimensão educativa, visando atender as expectativas do público e estando a serviço dele, pois “*é tempo de fazer museu com a comunidade e não para a comunidade*” (RÚSSIO, 1984, p. 60, grifo da autora). Assim, o acervo não é mais visto como algo com um valor em si, por ser raro ou belo. Em vez disso, seu valor é incorporado a algo que lhe é externo e intangível: o relacionamento imediato que consegue estabelecer com o público, como ele pode ajudar o museu a entrar em contato com o real e proporcionar mudanças observáveis e significativas na vida de seus visitantes.

⁶ A **educação intercultural** surgiu em 1978, como proposta da UNESCO que visa à convivência democrática entre diferentes culturas. É amplamente difundida em países da América Latina, tais como: Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Peru, Guatemala e México. Segundo Perroti (1997, p. 73, grifo nosso), “a prática da educação intercultural implica uma mudança de paradigma que considera ‘**o Outro e o diferente como ponto de partida**’”. Para Abdallah-Preteille (1999), o prefixo “inter”, no termo **intercultural**, refere-se ao fato de ter estabelecido uma relação que indica noções de identidade, em interações da mente, sejam em grupos distintos ou individuais.

4 PRESERVAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL: EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS EM MUSEUS DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA NA AMAZÔNIA

O museu, ao longo dos tempos, vem adquirindo novos significados que emanam das diferentes concepções da Museologia como campo interdisciplinar. As novas demandas culturais e informacionais da sociedade contemporânea influenciam diretamente na natureza das suas funções diante da conjuntura social de cada momento histórico. Segundo o Estatuto do Icom, a compreensão do Museu, no sentido lato, define-se como:

[...] uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição (ICOM, 2001).

Borges (2010) observa que no Séc. XIX, a Antropologia contribuiu para o surgimento de museus com coleções etnográficas que “são inseparáveis das investigações antropológicas, a partir das quais se desenvolve a noção de objeto etnográfico, diferenciando-se dos demais objetos culturais”. Para exemplificar, destacamos a fundação de importantes museus no Brasil, considerados marcos históricos da Museologia no país, conforme expõem Camara e Granato em texto de divulgação científica:

[...] Ainda no século 19, foram abertos o Museu Nacional (1808), o Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e o Museu Paulista (1894). O primeiro foi criado no ano em que a família real de Portugal chegou ao Rio de Janeiro, para estimular o estudo das plantas (Botânica) e dos animais (Zoologia) – mas, na verdade, tinha um pouco de tudo, incluindo arte, antiguidades, minerais e peças indígenas (CAMARA; GRANATO, 2010, p. 5).

Na Amazônia, merece destaque o Museu Paraense Emílio Goeldi⁷ (MPEG), considerado um marco histórico da Museologia na região, pela sua importância no surgimento de coleções arqueológicas, etnográficas, botânicas, zoológicas, paleontológicas, mineralógicas, além de seu acervo bibliográfico. No tocante às coleções arqueológicas e etnográficas é considerado um museu expoente e uma referência na criação de outras instituições desta natureza não somente na região norte do país, mas em toda a Amazônia Brasileira.

⁷ O Museu Paraense Emílio Goeldi recebeu este nome em homenagem ao ilustre cientista, naturalista e zoólogo suíço Emil August Göldi (1859-1917), que exerceu a direção do museu no período de 1894 a 1907. Fundado em 6 de outubro de 1866 através de uma iniciativa da Sociedade Filomática de Belém (PA), o museu é a instituição de pesquisa mais antiga da Amazônia, reconhecida mundialmente, uma vez que se dedica às investigações científicas referentes ao estudo da flora, da fauna e do homem amazônico e do seu ambiente físico. (RANGEL, 2009, p. 2518).

As coleções são compostas por materiais recolhidos por pesquisadores e naturalistas que viajavam pela região amazônica, desejando obter mais conhecimento sobre o mundo natural. Segundo Sanjad (2009, p. 11), durante o Séc. XIX “muitos cientistas europeus e norte-americanos sentiram-se atraídos pela América Latina [...]. Botânicos, zoólogos, geólogos, antropólogos e engenheiros, profissionais e amadores, homens e mulheres, de origens sociais e identidades nacionais distintas, cruzaram o oceano em busca de conhecimento, prestígio e trabalho [...]”.

Ainda no cenário amazônico, duas experiências com coleções etnográficas também merecem ser destacadas: a primeira refere-se ao Museu Magüta dos Ticuna, em Benjamin Constant (AM) e a segunda trata-se do Museu do Índio, em Manaus (AM). Tais experiências indicam a relevância de se preservar o patrimônio dos povos de origem na Amazônia, bem como os saberes destes grupos nativos da região. Reis e Hora (2007, p. 450, tradução nossa) alertam para este fato: “Como podemos observar, as culturas milenares tendem ao desaparecimento lento da história de nosso país, folclorizadas em seus hábitos e tradições e na queda do uso de seu conhecimento”.

Inaugurado em 1991, o **Museu Magüta**⁸ é um exemplo emblemático de museu de origens porque é administrado e gerenciado pelos próprios Ticuna e, por esta razão, foi premiado pelo ICOM pela iniciativa pioneira no Brasil (NOTA..., [200-], p. 1). Está situado na região do Alto Solimões, em Benjamin Constant, no estado do Amazonas, numa cidade de aproximadamente 33.391 habitantes⁹, localizada na confluência dos rios Javari e Solimões, bem junto à fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia (FREIRE, 1999).

Relatos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) informam que a história do museu iniciou-se em maio de 1985, quando lideranças do Conselho Geral da Tribo Ticuna (CGTT), como Pedro Inácio Pinheiro e Nino Fernandes, juntamente com uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional da UFRJ, sob a coordenação do Prof. João Pacheco de Oliveira, criaram o Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões: o Centro *Magüta* (NOTA..., [200-], p.1).

Os Ticuna participaram de todo o processo de instalação, colaborando no trabalho de planejamento e organização das exposições, na documentação, nos textos de apoio e nos materiais iconográficos dos objetos que compõem as coleções (FREIRE, 1999). Os objetos foram escolhidos segundo o grau de significação cultural e afetiva que têm para os Ticuna, prevalecendo os critérios dos próprios usuários e dos autores. Alguns objetos da coleção

⁸ O nome *Magüta*, cuja origem é da língua *Tikuna*, significa “povo pescado do rio” (ERTHAL, 2006, p. 222) ou literalmente “gente pescada com vara”, numa referência direta ao mito de origem e ao herói cultural *Yo’i* (MAGÜTA... [2009], p. 3).

⁹ Dados atualizados de acordo com o Censo Populacional do IBGE, ano de 2010.

etnográfica representavam para os Ticuna a vontade de mudança, a atualização da cultura e as adaptações a uma nova maneira de viver e reinterpretar o mundo (BOLETIM DO MUSEU MAGÜTA, 1994, p. 3-9).

Chagas (2008, p. 66-67) ressalta que a criação do Museu Magüta, em Benjamin Constant (AM), fez parte de um “movimento de proliferação e ressignificação dos museus no Brasil nos últimos 30 anos”, pois o museu vem cumprindo um importante papel social de transformação. Cabe ressaltar, que a iniciativa da criação do Museu Magüta recebeu algumas homenagens e premiações significativas, entre as quais: a premiação dada pelo Comitê Brasileiro do Icom, como o “Museu Símbolo”, em 1995, fato emblemático na história dos museus, sobretudo aqueles que têm coleções arqueológicas e etnográficas. Em dezembro do mesmo ano, recebeu o prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, concedido pelo Iphan; em 1996, a divulgação na grande exposição realizada no Tropenmuseum (Museu Tropical) em Amsterdã, Holanda; em 2007, a homenagem prestada pelo presidente Lula ao professor Ticuna Nino Fernandes, diretor do Museu *Magüta*, com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural; e em 2008, o Prêmio Chico Mendes, outorgado pelo Ministério do Meio Ambiente (NOTA..., [200-], p. 1).

A outra instituição, aqui abordada, é o **Museu do Índio de Manaus**, fundado em 19 de abril de 1952, pela Madre Maddalena Mazzone como forma de fazer memória à presença missionária dos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora na região amazônica e também despertar o interesse pela causa indígena (ALVES, 2007).

Um acontecimento marcante na história deste museu foi à restituição de objetos sagrados aos povos indígenas que habitam o noroeste amazônico, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Segundo Andrello (2005, p. 139), a origem dos acontecimentos sobre a recuperação dos objetos importantes para os cerimoniais e rituais dos grupos de língua *Tukano* e, mais especificamente dos Tariano, do clã *Kloivathe*, remonta desde 1930, quando os adornos sagrados foram expropriados do grupo, a partir do processo de catequese praticado pelos missionários salesianos naquela região. Provavelmente, esses objetos teriam sido acumulados ao longo dos anos pelos missionários, por meio de trocas por sabão, espingarda, roupas, entre outros produtos.

Em São Gabriel da Cachoeira, dois fatos contribuíram para que o processo de restituição acontecesse. O primeiro foi à inauguração da Maloca em homenagem ao tuxaua Leopoldino, importante líder Tariano, com o objetivo de ser um espaço de fundamental importância para registrar a história, cantos e antigos rituais dos povos indígenas da região do Rio Uaupés. O segundo foi o registro da Cachoeira do Rio Iauaretê, considerada um lugar

sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri, sendo declarada Patrimônio Cultural Brasileiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), por meio do Decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, que: “Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro” (BRASIL, 2000), em que foi reconhecida como o primeiro bem cultural a ser inscrito no Livro dos Lugares do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

O trabalho de recuperação dos ornamentos sagrados do museu foi desenvolvido pelo Iphan, em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA), a Federação das Organizações do Rio Negro (Foirn) e Associações Indígenas de Iauaretê, com o objetivo de mostrar à juventude como os antepassados faziam os seus rituais. Ao estudar dois casos de restituição de bens patrimoniais aos povos de origem no Brasil, envolvendo museus, Borges (2010) salienta que uma das explicações para esta situação deve-se ao fato de que os “descendentes e/ou representantes legais tomaram consciência de seus direitos (seja este reconhecido ou não; seja este apropriado ou não) de solicitar que seus bens patrimoniais lhes sejam devolvidos”, visando recuperar antigos objetos, ameaçados de desaparecer e como forma de deixar um legado para a posteridade.

Em visita ao Museu do Índio de Manaus, que contou com a participação dos líderes indígenas, acompanhados de antropólogos e representantes do ISA, os objetos a serem repatriados foram inventariados. Posteriormente, o Iphan, em conjunto com o Museu do Índio de Manaus, por meio do Patronato de Santa Terezinha, decidiu pela devolução dos objetos históricos e etnográficos armazenados na reserva técnica do museu.

A última etapa deste processo culminou na elaboração de um termo de compromisso que ratificou oficialmente a repatriação dos ornamentos sagrados e sua entrega definitiva à Foirn e ao Centro de Estudos e Revitalização da Cultura dos Povos Indígenas de Iauaretê (CERCII)¹⁰. Os materiais chegaram a São Gabriel da Cachoeira no dia 16 de abril de 2008 e a cerimônia de entrega da caixa composta por 108 objetos sagrados aconteceu na Maloca da Foirn, no dia 17 de abril de 2008, contando com a participação de autoridades civis, militares, eclesiásticas (ANDRADE, 2008).

Embora o caso da repatriação desses objetos sagrados tenha se revelado num acontecimento bem sucedido, nem sempre tal fato atinge o êxito esperado. Borges (2010) advoga que: “Os casos de restituição de peças dos museus a seus proprietários originais são

¹⁰ Associação cultural formada por lideranças indígenas de Iauaretê, fiel depositário dos enfeites e responsável por guardar os ornamentos para festas e celebrações.

ainda raros no Brasil. Por isso, tais casos vêm sempre acompanhados de polêmicas, principalmente quando esses objetos são conservados em importantes museus públicos”.

É importante observar, que em casos de repatriação de objetos mantidos em coleções de museus oriundos de apropriações indevidas ou espólios, Lima (2010) pondera que convém que estes objetos sejam devolvidos aos seus lugares de origem e aos seus criadores, tanto por razões socioculturais como por implicações jurídicas, conforme ressalta:

Em se tratando de aquisição e da investigação necessária acerca da procedência de objetos integrantes das coleções de Museus, identificada como Histórico de Propriedade, conhecendo-se a história de episódios geradores de apropriação indébita e, em especial, com referência a casos ainda não devidamente esclarecidos, o que se almeja é que seja possível alcançar um resultado adequado: isto é, o destino da restituição, devolvendo-se as obras aos proprietários originais, sem maiores obstáculos (LIMA, 2010).

Por fim, o caso da restituição dos objetos sagrados – patrimônio das populações indígenas da Bacia do Rio Uaupés – possibilitou aos grupos dessa região, não apenas recuperarem parte de sua cultura material, mas também revisitaram a sua história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa dos argumentos finais, em torno da importância da “diversidade cultural como patrimônio comum da humanidade” (UNESCO, 2005), constatamos que esta reflexão se faz continuamente necessária, especialmente no contexto dos Museus de Arqueologia e Etnologia.

Observamos, ainda, que as políticas culturais caminham em defesa da valorização da diversidade cultural. Com efeito, os instrumentos nacionais e internacionais que tratam sobre o assunto, indicam basicamente como medidas prioritárias: intensificar as reflexões sobre a proteção e a promoção da diversidade cultural; aprofundar o conhecimento de experiências institucionais e da sociedade civil no campo do pluralismo cultural e do diálogo intercultural; debater a responsabilidade social do museu, no desenvolvimento de ações socioeducativas que contribuam para a preservação e a valorização da diversidade cultural; ampliar as discussões em torno dos princípios éticos e jurídicos de restituição do patrimônio aos povos de origens.

Portanto, os Museus de Arqueologia e Etnologia são locais estimulantes para se pensar essas demandas, do ponto de vista da sua dimensão educativa, com ênfase para a diversidade cultural. Museus dessa natureza são poderosos agentes de informação sobre as raízes culturais

dos povos, ajudando a delinear os traços de identidade nacional. Neles estão guardados os testemunhos materiais de determinados períodos históricos. Por isso, constituem em meios de entretenimento, descobertas e aprendizagem, ampliando a percepção dos visitantes para assuntos inovadores, pois “Reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a diversidade cultural” (HORTA, 1999, p. 7).

CULTURAL DIVERSITY IN MUSEUMS AND PRESERVATION OF HERITAGE IN AMAZON

This article addresses the cultural diversity in the scope of Archaeology and Ethnology Museums in Amazon, due to its collections are compound by objects that represent the region culture and by the relevance of this heritage together with local community. The purpose of this approach is to reflect on the existing fundamental information in the Icom, Unesco, Ibram, Iphan documents, among other, that indicate the evolutional process of the cultural policies of preservation and appreciation of cultural diversity like common heritage of the humankind. In this particular matter, we analyzed the objects produced by indigenous people, by considering that these objects are represented in documents and information sources for intercultural education of museum visitors. In light of the contemporary conceptions of Museology and Heritage field, as well as interdisciplinary relations underlying with Education and Information Science, we seek after theoretical grounding in specialized national and international sources in this field of the scientific knowledge. The methodology is characterized by the qualitative approach research, of essentially descriptive, exploratory, bibliographical, documentary nature and case study. From the punctuated information, we can infer that the cultural policies gradually absorb the trends, the contemporary challenges and walk towards the threshold of appreciation of cultural diversity.

Keywords: Museum. Museology. Cultural Diversity. Heritage. Cultural Policies. Intercultural Education. Amazon.

REFERÊNCIAS

ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. **L’Education Interculturelle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

ALVES, Arlete Sandra Mariano. **Função educativa do museu: o museu como instrumento de suporte ao processo de ensino-aprendizagem**. 2007. Monografia (Especialização em Museologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

ANDRADE, Andreza. **Notícias: Índios do Rio Negro celebram devolução de ornamentos sagrados**. Instituto Socioambiental – ISA, 2008. Disponível em: <<http://ti.socioambiental.org/#!/noticia/54947>>. Acesso em: dez. 2010.

ANDRELLO, Geraldo. Nossa história está escrita nas pedras: conversando sobre cultura e patrimônio cultural com os índios dos Uaupés. **Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Patrimônio imaterial e diversidade**. n. 32, p. 131-151, 2005.

APPADURAI, Arjun, BRECKENRIDGE, Carol A. Museus são bons para pensar: o patrimônio em cena na Índia. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 10-26, 2007.

BELLAIGUE, Mathilde. Memória, Espaço, Tempo, Poder. In: **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 2, p. 87-90, jul./out. 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>>. Acesso em: 20 maio 2010.

BOLETIM DO MUSEU MAGÜTA. Benjamim Constant, Amazonas: Magüta - Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões, 1994-. Trimestral.

BORGES, Luiz C. Museus e restituição patrimonial: entre a coleção e a ética. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB – ENANCIB, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. Não paginado. 1 CD-ROM.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

BRASIL. Decreto nº. 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 04 ago. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso: jan. 2011.

_____. Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 jan. 2009.

CAMARA, Roberta; GRANATO, Marcus. Uma casa para colecionadores de tesouro: como surgiram os museus? **Ciência Hoje das Crianças**, ano 23, n. 211, p. 2-5, abr. 2010. Revista de Divulgação Científica para crianças.

CHAGAS, Mário de Souza. Diversidade Museal e movimentos sociais. In: ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE MUSEUS - IBERMUSEUS. 1., 2007, Salvador. **Reflexões e Comunicações**. Brasília, DF: IPHAN, DEMU, 2008. v 2. p. 66-67.

CURY, Marília Xavier. Diversidade e tolerância cultural: Qual é o papel dos museus contemporâneos? In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY – AN INSTRUMENT FOR UNITY AND DIVERSITY?, 2003, Siberian, Krasnoyarsk, Russian Federation. **ICOFOM STUDY SERIES – ISS 33**, final version. München, Germany: ICOM, ICOFOM: Museums Pädagogisches Zentrum, 2004. p. 54-56.

DECAROLIS, Nelly. Unidad y diversidad: El desafio latinoamericano. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY – AN INSTRUMENT FOR UNITY AND DIVERSITY?, 2003, Siberian, Krasnoyarsk, Russian Federation. **ICOFOM STUDY SERIES – ISS 33**, final version, München, Germany: ICOM, ICOFOM: Museums Pädagogisches Zentrum, 2004. p. 26-29.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. 205 p. Tradução Sandra Castello Branco. Título original em inglês: *The Idea of Culture*, 2000.

ENCUENTRO REGIONAL DO ICOFOM LAM, 7., 1998 = ENCONTRO REGIONAL DO ICOFOM LAM, 7., 1998, Ciudad de Mexico. **Museos, Museología y Diversidad Cultural en América Latina y el Caribe = Museus, Museologia e Diversidade Cultural na América Latina e no Caribe**. México: ICOM, ICOFOM LAM: Museo Dolores Olmedo Patiño; Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, [s. d.]. 208 p.

ERTHAL, Regina de Carvalho. Museus indígenas: articuladores locais de “tradições e projetos políticos”. In: SAMPAIO, Patrícia Melo; ERTHAL, Regina de Carvalho (Org.). **Rastros da memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia**. Manaus: EDUA, UFAM, 2006. p. 218-236.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta do museu pelos índios. **Terra das Águas** – Revista Semestral do Núcleo de Estudos Amazônicos da Universidade de Brasília, ano 1, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=18>>. Acesso em: mar. 2011.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008. 385 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 321 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999. 68 p.

IANNI, Octavio. **Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais**. São Paulo: USP: IEA, 1994, p. 147-163. (Estudos Avançados).

ICOM. **Comitês internacionais: ICOFOM: Museologia**. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/comitesinternacionais.cfm?ver=12>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

_____. **Estatutos do ICOM: Artigo 2º (2001)**. Disponível em: <http://icom.museum/hist_def_eng.html>. Acesso em: 08 maio 2010.

_____. **ICOM**. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/index.cfm?canal=icom>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

INTERNATIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY – AN INSTRUMENT FOR UNITY AND DIVERSITY?, 2003, Siberian, Krasnoyarsk, Russian Federation. **ICOFOM STUDY SERIES – ISS 33**, final version. München, Germany: ICOM, ICOFOM: Museums Pädagogisches Zentrum, 2004. 262 p.

INTERNATIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND GLOBALIZATION = COLLOQUE MUSÉOLOGIE ET GLOBALIZATION, 1998. Melbourne, Australia. **ICOFOM STUDY SERIES – ISS 29**, Melbourne, Australia: ICOM, ICOFOM: University of Canberra, 1998, 104 p.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 124 p.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos Artísticos e Informação: modelo estrutural para pesquisas em Artes Plásticas. In: PINHEIRO, Lena Vania R., GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélide (Orgs.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: Arte, Museu, Imagem**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. p. 17-40.

_____. Documentação em Museus e Histórico de propriedade (provenance): restituição de obras de arte espoliadas pelos nazistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB – ENANCIB, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. Não paginado. 1 CD-ROM.

_____. Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões. In: **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 1, n. 1, p. 33-43, jul./dez. 2008. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>. Acesso em: dez. 2009.

MAGÜTA arü wiyægü: cantos Tikuna. Rio de Janeiro: LACED, Museu Nacional, UFRJ, [2009]. 21 p. (Coleções Documentos Sonoros). Encarte do CD. Disponível em: <http://www.laced.etc.br/colecao%20doc%20sonoros/cd_tikuna/Tikuna_Encarte.pdf>. Acesso em: jan. 2011.

NASCIMENTO JÚNIOR, José Nascimento, CHAGAS, Mário de Souza. Panorama dos Museus no Brasil. In: ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE MUSEUS - IBERMUSEUS. 1., 2007, Salvador. **Panoramas Museológicos da Ibero-América**. Brasília, DF: IPHAN, DEMU, 2008. 1 v. p. 35-56.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOTA sobre a ameaça iminente de fechamento do Museu Maguta. Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Comissão de Assuntos Indígenas (CAI). Disponível em: <<http://www.abant.org.br/conteudo/005COMISSOESGTS/Documentos%20da%20CAI/Nota%20sobre%20fechamento%20do%20Museu%20Maguta.pdf>>. Acesso em: dez. 2009.

PERROTI, António. **Apologia do Intercultural**. Lisboa: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Intercultural, 1997.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. “Educação da sensibilidade”, informação em arte e tecnologias para inclusão social. In: **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 51-55, out./mar. 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/16/30>>. Acesso em: dez. 2009.

_____. Horizontes da informação em museus. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia N. M. (Orgs.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 81-102. (MAST Colloquia, 10).

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, memória e esquecimento**: um projeto da modernidade. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços, 2004. 262 p. (Coleção Engenho [e] Arte, 7).

RANGEL, Márcio. Os periódicos científicos e os museus de história natural no Brasil do século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB – ENANCIB, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ANCIB: Idéia Ed., 2009. p. 2511-2526.

_____. Política Nacional de Museus: museus como agentes de mudança social e desenvolvimento In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE MUSEOS DE MÉXICO Y DEL MUNDO, 2., 2008, [Bogotá], Colômbia. [**Experiencias, Comunicación y Goce**]. [Bogotá], Colômbia, 2008. Não paginado.

REIS, Maria Amélia; HORA, Dayse. Ethnic-Knowledge towards an Ethnic-Acknowledgment: the importance of Differentiated Education to the construction of Public and Popular Education in Rio de Janeiro, Brazil. In: GIANNAKAKI, Marina-Stefania (Org.). **The Teacher and the teaching profession**: current research and international issues. Atenas, Grécia: Athens Institute for Education and Research, 2007. p. 441-460.

REIS, Maria Amélia. A Descolarização/descolonização dos museus: uma reflexão acerca da pedagogização da prática educativa museológica. In: CONGRESSO ICOFOM-LAM – EDUCACIÓN Y ACCIÓN CULTURAL – CECA, 2011. Quito, Equador: **Anais...** Quito, Equador: ICOFOM-LAM, CECA, 2012. No prelo.

_____. Etnoconhecimento para um EtnoREconhecimento: a importância da educação diferenciada e intercultural na/para a escola pública com qualidade social. In: CONGRESSO

INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN INTERCULTURAL “RETOS INTERNACIONALES ANTE LA INTERCULTURALIDAD”, 4., 2009. Almeria, Espanha: **Anais...** Almeria, Espanha: Universidade Nacional de Almeria, 2009. p. 1-3. No prelo.

RÚSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antônio Augusto (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural.** São Paulo: Brasiliense: CONDEPHAAT, 1984. p. 59-78.

SANJAD, Nelson. **Emílio Goeldi (1859-1917): a ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil.** Versão para o francês Janine Houard. Rio de Janeiro: EMC, 2009. 232 p.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**, ano 3, n. 4-5, p. 1-8, 2001.

_____. Criando realidades através de exposições. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (Orgs.). **Discutindo exposições: conceito, construção e avaliação.** Rio de Janeiro: MAST, 2006. p. 8-37. (MAST Colloquia, 8).

_____. **Imagens do Não-lugar: comunicação e os ‘novos patrimônios’.** 2004. 294 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004

_____. Museologia, Globalismo e Diversidade Cultural. In: ENCUENTRO REGIONAL DO ICOFOM LAM, 7., 1998 = ENCONTRO REGIONAL DO ICOFOM LAM, 7., 1998, Ciudad de Mexico. **Museos, Museología y Diversidad Cultural en América Latina y el Caribe = Museus, Museologia e Diversidade Cultural na América Latina e no Caribe.** México: ICOM México, Museo Dolores Olmedo Patiño; Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, [s. d.]. p.159-174.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural.** Paris: UNESCO, 1972. 19 p. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, Paris, 17 October 1972.

_____. **Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais:** Artigo 4. Paris: UNESCO, 2005. 32 p. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Paris, 03 a 21 de outubro de 2005. Texto oficial ratificado pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006.

_____. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.** Paris: UNESCO, 2002. 7 p.

VIEIRA, Ricardo; MAGALHÃES, Fernando (Orgs.). **Patrimônio e identidade.** Porto: Profedições; IPL, 2009. 103 p.